



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

## ENSINAR PARA INCLUIR: O ENSINO DE HISTÓRIA COMO FERRAMENTA DE COMBATE À LGBTQIAPN+FOBIA NA ESCOLA

HUGO FERREIRA DE JESUS<sup>1</sup>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA-UESB

JOSÉ MIRANDA OLIVEIRA JÚNIOR<sup>2</sup>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA-UESB

### RESUMO

O Ensino de História, desde sua formalização na Europa no século XIX, passou por grandes transformações, refletindo mudanças sociais, culturais e políticas. O uso de novas metodologias permitem uma compreensão mais ampla dos problemas sociais, baseando-se nas demandas dos alunos. Questões importantes surgem: como ir além da exposição de fatos e datas? Como formar cidadãos engajados e combater preconceitos, como a LGBTQIAPN+fobia? Dada a falta de estrutura na educação pública para promover cidadania plena, o Ensino de História é crucial na formação de cidadãos críticos. Com uma abordagem crítica e plural, a disciplina pode desconstruir preconceitos e promover o respeito à diversidade sexual e igualdade de direitos. Para abordar essas questões efetivamente, é necessário desenvolver metodologias pedagógicas inovadoras. Este trabalho explora como aprimorar o Ensino de História dentro das diretrizes da BNCC, transversalizando o currículo e construindo abordagens significativas que promovam uma educação inclusiva. Analisando como essas metodologias podem criar um ambiente educacional que informa e forma cidadãos preparados para atuar por uma sociedade mais justa, transformando a escola em um ambiente acolhedor.

**Palavras-chave:** Ensino de História; LGBTQIAPN+fobia; Transversalidades;

### INTRODUÇÃO

Desde sua formalização na Europa no século XIX, o ensino de História passou por profundas transformações, refletindo mudanças sociais, culturais e políticas. O uso de novas metodologias possibilita entender a origem e causa dos problemas sociais, partindo das demandas específicas dos alunos. Neste contexto, surgem questões cruciais: como ir além da simples exposição de fatos e datas? Como as aulas de História podem formar cidadãos ativos e engajados que combatem diferentes tipos de preconceitos, incluindo a LGBTQIAPN+FOBIA?

Analisando as dificuldades e necessidades contemporâneas no que diz respeito à falta de estrutura da educação pública, no sentido de promover a construção plena da cidadania, compreendo que o Ensino de História, se transforma em uma ferramenta essencial para a

<sup>1</sup>Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, e-mail: 13hugodejesus@gmail.com

<sup>2</sup>Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, e-mail: jose.junior@uesb.edu.br



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

formação de cidadãos conscientes e críticos, assumindo um papel fundamental na construção de saberes, no combate à LGBTQIAPN+fobia- formas de violência contra pessoas LGBTQIAPN<sup>3</sup>, em que a motivação principal é sua identidade de gênero e/ou orientação sexual - e na promoção da cidadania. Através de uma abordagem crítica e plural, a disciplina pode desempenhar um papel vital na desconstrução de preconceitos e estereótipos, além de fomentar o respeito à diversidade sexual e à igualdade de direitos. No entanto, para que essas questões sejam efetivamente abordadas, é necessário desenvolver e implementar metodologias e soluções pedagógicas inovadoras.

Neste trabalho, exploraremos como o Ensino de História pode possibilitar a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a transversalidade do currículo com inclusão de temas como diversidade sexual e de gênero nas aulas de história. Tomando como base a Construção de abordagens significativas que promovam uma educação inclusiva e transformadora. Analisando como essas metodologias podem ser aplicadas para criar um ambiente educacional que não apenas informa, mas também forma cidadãos em prol de uma sociedade mais justa e igualitária. Transformando o espaço escolar em um ambiente seguro e acolhedor.

## RECONFIGURANDO O ENSINO PARA COMBATER PRECONCEITOS E PROMOVER A IGUALDADE

Segundo dados do Grupo Gay da Bahia<sup>4</sup> (GGB, 2023), cerca de 230 indivíduos foram brutalmente assassinados no Brasil, por serem parte da comunidade LGBTQIAPN+, Dessas mortes, 184 foram assassinados, 18 suicídios e 28 outras causas, dos quais 25,65% eram gays, 61,74% travestis e mulher transexuais e 3,04% mulheres lésbicas. Ao analisar os dados regionais, 79 dessas vítimas eram do Nordeste. Os dados revelam que a cada 38 horas o Brasil assassinou um membro da comunidade.

Esses dados nos ajudam a refletir sobre as diversas formas de violência que cercam a vida de pessoas LGBTQIAPN+ em seu cotidiano. A Sociedade Beneficente Israelita Brasileira,

<sup>3</sup> Sigla que engloba lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, queer, intersexo, assexuais pansexuais, não-binários, ou qualquer pessoa que se identifique como não cisgênero ou não heterossexual.

<sup>4</sup> É a mais antiga associação de defesa dos direitos humanos dos LGBT no Brasil. Fundado em 1980, registrou-se através de um mandado judicial, como sociedade civil sem fins lucrativos em 1983, sendo declarado de utilidade pública municipal em 1987, tendo como fundador o Luiz Mott.



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

por meio do Instituto Albert Einstein, elaborou uma cartilha que serve como guia de cuidados e informações sobre a violência contra pessoas LGBTQIAPN+, destacando como ela pode se manifestar de diferentes maneiras. Pode ser categorizada em três principais formas. A primeira é a LGBTQIAPN+fobia internalizada, que se manifesta através de sentimentos de culpa, inferioridade, baixa autoestima, medo de exposição e comportamentos compensatórios, como o perfeccionismo ou até mesmo autolesão, podendo levar a tentativas de suicídio. A segunda é a interpessoal, que inclui agressões físicas, psicológicas, sexuais, patrimoniais ou morais. Essa violência pode ocorrer em contextos familiares, escolares ou comunitários, com o bullying sendo um exemplo comum.

Pensando na construção e ampliação de um Ensino de História, que leve os alunos a refletir criticamente sobre o mundo ao seu redor, requer reconhecer a escola como um espaço plural, mas passível de produzir estigmas e preconceitos. Nesta perspectiva, a escola:

[...]delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o 'lugar' dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas. [...] O prédio escolar informa a todos/as sua razão de existir. Suas marcas, seus símbolos e arranjos arquitetônicos 'fazem sentido', instituem múltiplos sentidos, constituem distintos sujeitos (Louro, 2001, p. 58).

Podemos assim dizer que esses espaços fazem parte de um contexto social múltiplo, que envolve diferentes realidades. Essa diversidade social é frequentemente alvo de comparações, desigualdades e preconceitos, que refletem no espaço escolar. Embora os muros da escola protejam fisicamente os alunos, não impedem que o racismo, misoginia e LGBTQIAPN+fobia penetrem no ambiente escolar. Em casos de negligência ou conivência por parte de instituições, essa violência ganha um caráter institucional. Por fim, a LGBTQIAPN+fobia institucional refere-se a práticas discriminatórias promovidas por estruturas sociais e organizações que limitam ou negam direitos. Isso inclui o desrespeito ao nome social, o despreparo de profissionais para atender às demandas de saúde LGBTQIAPN+, a ausência de políticas específicas e a exclusão sistemática dessa população de recursos e espaços de decisão.

Dessa forma, torna-se evidente como a sexualidade se transforma em um meio de exercício do poder, conforme analisado por Michel Foucault<sup>5</sup> no seu livro *História da*

---

<sup>5</sup> Filósofo, professor, psicólogo e escritor francês. Dono de um estilo literário único, Foucault revolucionou as estruturas filosóficas do século XX ao analisá-las por meio de uma nova ótica.



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

*Sexualidade I: A Vontade de Saber* (2014). Foucault nos ajuda a entender que a sexualidade, longe de ser um campo privado, está intimamente ligada ao exercício do poder. As políticas públicas, a educação e as práticas de saúde devem ser compreendidas não apenas como formas de cuidado, mas também como maneiras de monitorar, regular e até mesmo excluir pessoas com identidades que não se alinham às normas dominantes. Nesse sentido, os dados sobre violência contra a comunidade LGBTQIAPN+, se torna um reflexo de como o discurso normativo sobre a sexualidade é usado para excluir e punir aqueles que desafiam o status quo.

Diante da conjuntura de crimes contra minorias sexuais e da restrição da cidadania LGBTQIAPN+ no Brasil, torna-se imperativo transformar as aulas de história em um dos espaços onde se aprende que as regras do espaço público democrático garantem a igualdade cidadã e, simultaneamente, a diversidade como direito. O Estatuto da Diversidade Sexual e de Gênero no Art. 1º “[...]visa promover a inclusão de todos, combater e criminalizar a discriminação e a intolerância por orientação sexual ou identidade de gênero [...] [garantindo] a defesa dos direitos individuais, coletivos e difusos das minorias sexuais e de gênero” (Brasil. Câmara dos Deputados. Projeto de Lei nº 134/2018).

E para além da Lei nº 134/2018, podemos nos apoiar na BNCC, ainda que de forma bem subjetiva, as habilidades EM13CHS502 e EM13CHS503 sendo que a primeira visa analisar situações da vida cotidiana, buscando desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade e preconceito, fazendo com que promova ações com os Direitos Humanos, fomentando o respeito às diferenças e às escolhas individuais; e a segunda se direciona a identificar diversas formas de violência, com objetivo de perceber suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, ao decorrer disto propor e avaliar meios para combatê-las, com base em argumentos éticos.

Deste modo, as aulas de história assumem um papel de formadoras de saberes, percebemos que, ao mergulhar no estudo da História, desvendamos as camadas do tempo, tecendo um mosaico rico e complexo das experiências humanas ao longo dos séculos. Investigando diferentes civilizações, culturas, ideias e movimentos sociais, os alunos ampliam seus horizontes, reconhecem a diversidade e constroem uma visão mais holística da humanidade. Com isso:



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

Ensinar História é proporcionar aos alunos a possibilidade de pensar e teorizar sobre as implicações do passado e como isso reflete, ou se parece com os paradigmas vivenciados nos tempos atuais. É uma maneira de propor um alargamento da visão [...], [proporcionado] a ele uma ‘fusão de horizontes’ [...] (Oliveira, N. et al, 2017).

Percebemos então que as aulas de História não se resumem à memorização de datas e eventos. Por meio da análise crítica de fontes históricas, os alunos podem desenvolver habilidades essenciais, como o pensamento crítico, a argumentação lógica e a capacidade de discernir fatos de ficções. Essa bagagem intelectual certamente os tornará aptos a questionar informações, formando suas próprias opiniões e defender seus pontos de vista de forma embasada. Portanto, defendemos que a inclusão do tema da diversidade sexual e de gênero nas aulas de história não é apenas necessária, mas fundamental.

E que critérios os professores devem utilizar para selecionar estes temas? Devem responder a indagações: “Para que serve ensinar a história?”, “por que trabalhar história na escola?” e “que significado tem a história para alunos e professores?” (Rusen 1987. Apud Schmidt e Garcia, 2005). Essas perguntas podem ser respondidas através de pesquisas historiográficas que tem como centro o estudo da experiência humana no tempo, nos permitindo ampliar nossos conhecimentos acerca de personagens que se encontram dentro da coletividade e subjetividade, sendo assim um ponto de partida para criar seleção de conteúdos que abarque a formação de consciência crítica destes indivíduos (Thompson 1981. Apud Schmidt e Garcia, 2005). Portanto, para a formação da consciência crítica é necessário que a injustiça se torne um percebido claro para a consciência, possibilitando que os sujeitos se insiram no processo histórico (Freire, 1998).

## POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CONTRA A LGBTQIAPN+FOBIA

A construção de um currículo escolar que aborda questões sociais tão visíveis e urgentes na contemporaneidade, se torna uma questão significativa para a Educação. No que diz respeito ao Ensino de História, analisamos diversas possibilidades e potencialidades para incorporar práticas pedagógicas que vão além da simples construção de fatos, promovendo a consciência crítica dos alunos. No entanto, quando se busca dentro da BNCC, tanto de 1996 e na sua atualização de 2024, não se encontra as questões de sexualidade de forma explícita, como já demonstrado anteriormente, tudo é muito subjetivo. E a ausência de um currículo nacional



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

explícito e inclusivo que abordem questões de sexualidade, limita a capacidade das escolas de oferecerem uma educação que promova o respeito à diversidade e o enfrentamento de preconceitos. Esse cenário tem implicações profundas na formação dos alunos e na construção de um ambiente escolar mais acolhedor e democrático.

Primeiramente, a falta de diretrizes explícitas sobre sexualidade perpetua o desconhecimento e a desinformação. E além disso, tem o fator biologizante do currículo. Em um contexto onde muitos alunos têm acesso limitado a informações confiáveis, a omissão do tema nos currículos contribui para a manutenção de estigmas e preconceitos. Sem a mediação educativa, práticas discriminatórias, como a LGBTQIAPN+fobia, podem se normalizar no espaço escolar, impedindo o desenvolvimento de um ambiente inclusivo. Nesse contexto, é essencial integrar dentro das diretrizes, para que assim as aulas possam abordar sexualidade de forma mais efetiva e com maior respaldo na BNCC, com o objetivo de democratizar os direitos das pessoas LGBTQIAPN+ e, assim, reduzir práticas preconceituosas. E mais do que nunca romper com essa ideia de que a sexualidade é um tema específico da biologia, pois como bem aborda Guacira Louro<sup>6</sup> “[...] a sexualidade é ‘aprendida’, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos.” (Louro, 2001, p. 5). Desta forma, a construção de uma educação para a diversidade sexual e de gênero visa:

portanto, romper, por um lado, com uma perspectiva essencialista e biologizante sobre a sexualidade humana – jogando luz sobre os condicionamentos culturais e o processo de construção social que incidem sobre esse fenômeno [...]. Assim, quando falamos em diversidade sexual e de gênero, [...] [a] terminológica tem também o intuito de se contrapor a processos de normatização e subordinação, reconhecendo as múltiplas expressões de identidades de gênero e orientações sexuais e combatendo, [...], as manifestações da LGBTfobia. (Souza, 2020, p. 19)

E de que modo, o Ensino de História pode englobar essas questões em suas aulas? A formação histórica tem que perpassar por três saberes, o da totalidade, práxis e das subjetividades, o primeiro se detém, que todas as representações devem ser apreendidas, o segundo abarca, que todos os saberes são essenciais e por fim se constrói as identidades (Jorgense Rusen, 2007). Por tanto a formação histórica voltada para a práxis, nos possibilita adentrar nos temas transversais que tem como objetivo a construção da cidadania, voltada para

<sup>6</sup> Historiadora, Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1986), Tem publicado livros, artigos e capítulos, bem como orientado dissertações e teses sobre questões de gênero, sexualidade e teoria queer em articulação com o campo da Educação. Suas pesquisas atuais voltam-se para estudos queer, cinema e pedagogias da sexualidade.



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida individual, coletiva e ambiental. Com esse objetivo foram incorporadas os Temas Transversais: questões da Ética, da Pluralidade Cultural, do Meio Ambiente, da Saúde e da Orientação Sexual (BRASIL, 2019)., local onde se aborda de forma mais explícita esse tema, ainda que seja um avanço, falta a presença deste tema de forma mais pontual, dentro da PCNs e da BNCC.

Os temas transversais permitem aos professores abordar questões contemporâneas importantes. No entanto, é necessário refletir sobre como abordar esses temas e integrá-los ao Ensino de História. Pensando nessa questão, como incluir a diversidade sexual e de gênero dentro da História. Souza faz a seguinte consideração:

O tratamento pedagógico da temática da diversidade sexual e de gênero numa perspectiva transversal nos permite, ainda, estabelecer uma relação direta com um traço característico do ensino de história, a saber, o contato com as questões suscitadas pelo tempo presente. (Souza, 2019, p. 11 )

O conhecimento histórico sobre a diversidade sexual e de gênero nos permite proporcionar aos alunos um entendimento sobre movimentos, comunidades e outros grupos sociais. Através desse conhecimento, eles percebem que, com a ajuda do poder público, existem subsídios para criar a democratização de direitos e reparações. O Ensino de História tem como objetivo formar cidadãos conscientes e críticos, como já foi abordado ao longo deste trabalho. Oferecendo um espaço-tempo propício para promover práticas sociais e o aprendizado de História de forma prática. O passado torna-se útil para o presente ao abordar questões relevantes para a educação democrática e cidadã.

Deste modo, como levar essas temáticas para sala de aula? Pensando em conteúdos pragmáticos, temos uma gama de possibilidades. Neste texto, situando-nos em uma turma de 3º ano do Ensino Médio e levando em consideração as questões centrais do século XX, como a Guerra Fria, regimes autoritários, direitos humanos, pode-se pensar na construção de projetos, oficinas e aulas para conversar e debater sobre o tema.

Uma abordagem possível seria o uso do cinema e história, perspectiva que ganhou força:

[com] trabalhos de historiadores sobre a iconografia cinematográfica começaram em torno dos 60 e 70 do século passado, acompanhando os debates que, entre outros problemas, destacavam a importância da diversificação das fontes a ser utilizadas na pesquisa. Entre os franceses, Marc Ferro e Pierre Sorlin foram os primeiros pesquisadores a dedicar-se às investigações sobre cinema e história. [...] Evidenciaram que a imagem não ilustra nem reproduz a realidade, como acreditava Serrano em seu livro didático, mas reconstrói a realidade com base em uma linguagem própria, produzida em determinado contexto histórico (Bitencourt, 2008, p. 373)



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

Então pensado neste recorte de temporal citado acima, temos o filme *Firebird* (2021), traduzido para o Brasil como *segredos de Guerra*, dirigido por Peeter Rebane, inspirado nas memórias autobiográficas de Sergey Fetisov, publicadas em *The Story of Roman* (1996). A obra cinematográfica narra o romance entre Sergey (Tom Prior), um jovem recruta da Força Aérea soviética, e Roman (Oleg Zagorodnii), piloto já estabelecido, no contexto da Estônia durante a Guerra Fria.

A narrativa apresenta a sexualidade como experiência atravessada pela vigilância estatal e pela criminalização institucionalizada por meio do *Artigo 121 do Código Penal soviético*<sup>7</sup>, que punia relações homoafetivas masculinas com até cinco anos de prisão e trabalhos forçados. Nesse cenário, o vínculo afetivo entre os protagonistas se desenvolve em meio ao medo da descoberta, às pressões de hierarquia militar e à necessidade de recorrer a “fachadas sociais”, representadas pela personagem Luisa, amiga de Sergey, que se casa com Roman em uma tentativa de preservar aparências.

O filme explora a dualidade entre vida pública e vida privada, os custos subjetivos do segredo e a coragem de existir sob ameaça constante. Ao dramatizar as consequências da repressão, que vão de chantagens à perda da liberdade, *Firebird* não apenas retrata um episódio particular da história soviética, mas também dialoga com debates contemporâneos sobre diversidade sexual, direitos humanos e os efeitos da LGBTfobia de Estado. Dessa forma, a produção constitui um material relevante para análises interdisciplinares, permitindo discutir, a partir da linguagem audiovisual, as relações entre sexualidade, política e autoritarismo no século XX.

Após a exibição do filme, propõe-se um debate contextualizador sobre o período, abordando o controle do regime soviético sobre a vida privada, o impacto do *Artigo 121 do Código Penal*, a visão da homossexualidade como ameaça ao Estado e o papel simbólico do ambiente militar. Essa contextualização é articulada com reflexões sobre a atualidade, questionando em que países a homossexualidade ainda é criminalizada e como resquícios legais do passado influenciam o presente.

---

<sup>7</sup> SUPREMO SOVIETE DA REPÚBLICA SOCIALISTA FEDERATIVA SOVIÉTICA DA RÚSSIA. *Código Penal da RSFSR. Tradução do Serviço de Publicações Conjuntas dos Estados Unidos (JPRS-9344)*. Moscovo: Sovetskaya Yustitsiya, 1960.



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

Como produto final, sugere-se a escrita de uma carta aos personagens (Sergey, Romanov ou Luisa), em que os alunos dialogam entre passado e presente, reconhecendo avanços como a descriminalização e os direitos conquistados, mas também refletindo sobre desafios persistentes, como a violência, a discriminação e os retrocessos sociais. Os principais objetivos educacionais são: desenvolver *empatia histórica*<sup>8</sup>, promover consciência crítica sobre direitos humanos e estimular pesquisas contextualizadas. Assim, a atividade transforma o filme em um recurso didático capaz de aproximar experiências individuais e contextos políticos, fortalecendo a reflexão crítica dos alunos e incentivando o compromisso com uma sociedade mais inclusiva.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de um Ensino de História que vá além da simples exposição de fatos e datas é fundamental para a formação de cidadãos ativos e conscientes. Abordar temas como a diversidade sexual e de gênero no Ensino de História pode desconstruir preconceitos e estereótipos, promovendo um ambiente escolar inclusivo e acolhedor. Isso não é apenas uma necessidade pedagógica, mas também um imperativo ético e social. Iniciativas como a criação de projetos e oficinas, são estratégias eficazes para engajar os alunos e fomentar debates significativos sobre a diversidade e a cidadania. A BNCC propõe a integração de temas transversais, ampliando as possibilidades de um Ensino crítico e transformador. Educadores têm a oportunidade de combater preconceitos e construir práticas pedagógicas que contribuem para a formação de cidadãos comprometidos com a igualdade e a justiça social.

Portanto, o ensino de história deve responder às demandas contemporâneas, promovendo uma educação que valorize a diversidade, combata a LGBTfobia e prepare os alunos para serem agentes de mudança em suas comunidades. Ao investir em metodologias inovadoras e inclusivas, estaremos construindo uma sociedade onde todos os indivíduos, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero, possam exercer

---

<sup>8</sup>ANDRADE, Gontijo. Et al. **Empatia histórica em sala de aula: relato e análise de uma prática complementar de se ensinar/aprender a História.** História & Ensino, Londrina, v. 2, n. 17, p. 257-282, jul./dez. 2011. Em que considera como empatia, o seu próprio sentido *stricto*, ou seja, a capacidade de um sujeito se colocar no lugar de outro, de tentar pensar e ver o mundo com outros olhos, outras mentalidades, ainda que esses sujeitos sejam separados por longo período temporal.



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

plenamente seus direitos e viver com dignidade. Além das questões iniciais abordadas, penso em outras indagações: Quais dificuldades são enfrentadas pelos professores da rede básica de ensino ao trabalhar com temas de diversidade sexual e de gênero?. Esses desafios incluem a resistência e preconceito de alunos, pais e colegas? E Como a disseminação de *fake news* sobre ideologia de gênero e questões relacionadas interferem na discussão do assunto? São questões relevantes a serem pensadas, fomentando ainda mais a busca por novas pesquisas.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. Projeto de Lei do Senado nº 134, de 2018. **Dispõe sobre o Estatuto da Diversidade Sexual e de Gênero**. Brasília, DF, 2018.

BRASIL. LDB: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018a.

BRASIL. Ministério da Educação. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: proposta de práticas de implementação**. Brasília: Ministério da Educação, 2019.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

FIREBIRD. Direção: Peeter Rebane. Estônia; Reino Unido; Rússia: The Factory, 2021. 1 filme (107 min), son., color. Título no Brasil: Segredos de Guerra.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

LOURO, Guacira Lopes (org.) Pedagogias de sexualidade. In: **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**; Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 11.

OLIVEIRA, N. C.; LEMES, Rita C. G. Gundim; LIMA, S. M.; SILVA, J. S. da. **Qual o sentido do Ensino de História no ensino básico? relatos e experiências de futuros docentes**. SEPE. Anápolis, 2017.



# III SEMPED

FORMAÇÃO DOCENTE: COMPLEXIDADES,  
PERSPECTIVAS E (DES)VALORIZAÇÃO.

15 A 19 DE SETEMBRO DE 2025



CCP  
Colegiado de Pedagogia  
Vitória da Conquista

RUSEN, Jorn. História Viva. **Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: UNB, 2007.

SOCIEDADE BENEFICENTE ISRAELITA BRASILEIRA ALBERT EINSTEIN. **Guia de cuidados sobre violência contra pessoas LGBTQIAPN+**. São Paulo: Instituto Albert Einstein, 2024. 6 p. Disponível em: <https://medicalsuite.einstein.br/pratica-medica/Pathways/violencia-contra-pessoas-lgbqia.pdf> Acesso em: 17 nov. 2024.

SCHMIDT, M. A.GARCIA, T. B.. **A Formação da Consciência Histórica de Alunos e Professores e o Cotidiano em Aulas de História**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 297-308, set./dez. 2005

SOUZA, Diego Gomes. **Diversidade sexual e de gênero no Ensino de História: Encontros e desencontros entre transversalidade e disciplinaridade**. Niterói, 2020, p. 196.

SOUZA, Diego Gomes. **Diversidade sexual e de gênero no Ensino de História**. ANPUH. Recife, 2019. GRUPO GAY DA BAHIA – GGB. **Mortes Violentas de LGBT no Brasil**. Relatório 2023.

ANDRADE, Gontijo. Et al. **Empatia histórica em sala de aula: relato e análise de uma prática complementar de se ensinar/aprender a História**. História & Ensino, Londrina, v. 2, n. 17, p. 257-282, jul./dez. 2011.

SUPREMO SOVIETE DA REPÚBLICA SOCIALISTA FEDERATIVA SOVIÉTICA DA RÚSSIA. **Código Penal da RSFSR. Tradução do Serviço de Publicações Conjuntas dos Estados Unidos (JPRS-9344)**. Moscovo: Sovetskaya Yustitsiya, 1960. Disponível em: [https://en.wikisource.org/wiki/Criminal\\_Code\\_of\\_the\\_Russian\\_Soviet\\_Federative\\_Socialist\\_Republic\\_\(1960\)](https://en.wikisource.org/wiki/Criminal_Code_of_the_Russian_Soviet_Federative_Socialist_Republic_(1960)). Acesso em: 4 set. 2025.